



A Fotografia ao Longo do Tempo: da Kodak ao *Instagram*¹

Lídia FARIAS²

Osmar Gonçalves³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo traçar um paralelo entre dois momentos da história da fotografia: o analógico com a Kodak e o digital com o *Instagram* e analisar aspectos da fotografia que em comum a esses dois períodos: a popularização de câmeras fotográficas, o compartilhamento de imagens, a facilidade de se fazer registros, sem a necessidade de dominar técnicas da fotografia. Nesse sentido, verifica-se que, apesar de intensas transformações tecnológicas, alguns aspectos da fotografia se reinventam e se adaptam através das evoluções das câmeras fotográficas e que a forma como o indivíduo se relaciona com a fotografia se modifica ao longo do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; *Instagram*; redes sociais.

Introdução

Filha da sociedade industrial (ROUILLÉ, 2009), a fotografia tem, desde sua invenção, a cidade como tema recorrente. Retratada através das lentes de profissionais e de amadores, as transformações urbanas podem ser compreendidas a partir da observação atenta aos registros da cidade e suas ruas, seus edifícios, seu cotidiano, seus habitantes.

No contexto histórico da fotografia, para o presente trabalho, destacam-se dois momentos de popularização das câmeras fotográficas: o primeiro com a Kodak e o segundo com as câmeras de celulares e características em comum a esses dois momentos como: facilidade em registrar momentos, em obter a imagem e em compartilhar os registros com amigos, familiares ou qualquer um que se queira.

¹ Trabalho apresentado na IJ – 8 Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XVI Congresso Brasileiro de Ciências da

² Recém-Graduada do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: lidialif@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda do ICA-UFC, email: smargoncalves@hotmail.com



Registrando As Transformações do Mundo

A Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra do século XVIII, representou uma ruptura definitiva para com o modelo de produção de baixa escala. Ocasionalmente um conjunto de mudanças significativas na cultura ocidental, a Revolução proporcionou o desenvolvimento e a descoberta de diversas de novas tecnologias, dentre elas, a fotografia.

Dentre as transformações observadas, há o uso do carvão e do ferro como matérias primas e o surgimento de novos sistemas de propulsão, como uso de motores a vapor tanto em locomotivas quanto em navios. Estes fatores, aliados a grande concentração de trabalhadores nas fábricas, aceleraram o ritmo de produção e promoveram o crescimento das cidades.

André Rouillé destaca o contexto do surgimento da fotografia como um momento histórico marcado por profundas transformações sociais, econômicas e culturais.

A fotografia apareceu com a sociedade industrial, em estreita ligação com seus fenômenos mais emblemáticos – a expansão das metrópoles e da economia monetária, a industrialização, as modificações do espaço, do tempo e das comunicações – mas, também, a democracia. (ROUILLÉ, 2009, p.16).

Nessa conjuntura, a fotografia retratou as características de uma sociedade durante o período de transformação e de efervescência tecnológica: a sociedade industrial substituiu a manufatura e o artesanato pelos processos mecânicos. A câmera fotográfica é exemplo dessa transformação, uma vez que se constitui em um processo mecânico e tem características distintas de do desenho e da pintura, técnicas que até então eram utilizadas como modos de representação da realidade social.

Assim, o advento da fotografia “produz visibilidades adaptadas a nova época” (ROUILLÉ, 2009, p. 39). A máquina passou a exercer funções que antes eram destinadas as mãos, aos lápis e aos pincéis. Os novos procedimentos evidenciaram as mudanças da produção da imagem: maior velocidade e maior realismo em relação à pintura.

Considerada uma imagem que mostrava todos os detalhes sem exceção,

exibindo a realidade de um momento, expressando um fato relevante e identificando pessoas, a fotografia despertou o interesse de profissionais das mais diversas áreas, com o objetivo de catalogação dos seus interesses. Segundo Benjamin (*apud* Rouillé, 2009, p.43), seria, então, a elaboração de “um inventário incomparavelmente mais preciso”, já que a foto transformou-se num importante elemento histórico e de comunicação social, capaz de contar a história de vida de uma pessoa, de uma cidade ou de um povo e sua cultura

As Primeiras Câmeras Fotográficas

As primeiras câmeras fotográficas eram conhecidas como máquina-caixote ou máquina-caixão: no seu interior havia dois compartimentos que funcionavam como tanques para revelação e fixação das fotografias. Ao contrário das câmeras vendidas atualmente, aquelas máquinas tinham como principal característica funcionar, no momento posterior à captura da imagem, como um minilaboratório de revelação de negativos e cópias fotográficas positivas.

Aperfeiçoamentos e inovações tecnológicas permitiram a popularização da fotografia analógica. Avanços como os da fábrica Kodak, que foram introduzidos no mercado a partir de 1888, culminaram na criação de um novo tipo de câmera “caixão”. No ano seguinte, a Kodak lançou uma campanha publicitária anunciando estas novas máquinas, conforme Figura 1.



Figura 1 - Anúncio Kodak, 1889 Fonte: Photosecrets

A partir deste momento, iniciava-se o processo de popularização da fotografia analógica, tendo a fábrica Kodak o pioneirismo na produção de câmeras mais leves e mais fáceis de manusear. O preço da câmara carregada com negativo de 100



exposições, estojo e correia era de 25 dólares. Registrar o que estava no entorno se tornava uma ação mais fácil e mais próxima do cotidiano das pessoas.

[...] em 1888 saiu a primeira câmera kodak 100 vistas com rolo de papel. A máquina vendia-se carregada e, uma vez impressionadas as cem vistas, o fotógrafo mandava a câmara para a fábrica, onde se processava o rolo e se devolvia ao cliente a câmera novamente carregada, acompanhada do negativo revelado e das cópias positivas. (SOUGEZ, 2001, p. 147)

Essas câmeras menores, mais leves e mais fáceis de manusear possibilitaram a democratização da produção fotográfica por seu barateamento e facilidade no manuseio, já que dispensavam a necessidade de conhecimentos técnicos específicos. Isto permitiu a criação de um mercado completamente novo, transformado a relação das pessoas para com a fotografia: ainda que não se dominasse o processo de revelação da imagem, as pessoas podiam fazer livremente seus próprios registros.

Na esteira dos avanços tecnológicos e visando um público cada vez mais amador e intuitivo, os fabricantes empenharam-se em produzir câmeras mais simples e práticas. Se antes só era possível conhecer algo através de textos e de ilustrações, a partir do surgimento da câmera fotográfica, seu desenvolvimento e sua popularização, tornou-se possível conhecer, através das fotos, novas culturas, povos e costumes.

Para Kossoy (2001), o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. Deste modo, a fotografia passou a aproximar, com mais detalhes e maior fidelidade, as culturas que se desconheciam, o mundo já conhecido do mundo ainda por ser descoberto.

Era o início de um novo método de aprendizado do real, em função da acessibilidade do homem dos diferentes estratos sociais à informação visual dos hábitos e fatos dos povos distantes. Microaspectos do mundo passaram a ser cada vez mais conhecidos através de sua representação. O mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu, aos poucos, substituído por sua *imagem fotográfica*. O mundo tornou-se, assim, *portátil e ilustrado*. (KOSSOY, 2001, p. 27)

Se para Kossoy o mundo se tornou portátil e ilustrado através da fotografia, para Sontag, ele passou a ser formado através de diversas partículas independentes e



avulsas que formariam a trama de uma história.

A fotografia reforça uma visão nominalista da realidade social como constituída de unidades pequenas, em número aparentemente infinito – assim como o número de fotos que podem ser tiradas de qualquer coisa é ilimitado. Por meio de fotos, o mundo se torna uma série de partículas independentes, avulsas; e a história passada e presente se torna um conjunto de anedotas e de *fait divers*. (SONTAG, 2004, p. 33)

Os momentos em família, viagens, eventos sociais, a cidade em que se vive, enfim, todo e qualquer evento ou objeto que despertasse a atenção de quem dispusesse de uma câmera, passa a ser registrado com a possibilidade de ser transportado no tempo e no espaço. É um processo de comunicação que se globaliza.

O que une os primeiros fotógrafos, que dominavam a arte de fotografar e de revelar as imagens, à massa de fotógrafos que mexe exclusivamente nos botões da câmera? O que relaciona os antigos fotógrafos que escolhiam cuidadosamente o quadro que seria eternizado aos novos fotógrafos que não hesitam em clicar tudo o que veem? Sontag aponta um possível caminho para essa resposta:

Embora a câmera seja um posto de observação, o ato de fotografar é mais do que uma observação passiva. A exemplo do voyeurismo sexual, é um modo de, pelo menos, tecnicamente, e não raro explicitamente, estimular o que estiver acontecendo a continuar a acontecer. Tirar uma foto é ter um interesse pelas coisas como elas são, pela permanência do *status quo* (pelo menos enquanto for necessário parar tirar uma “boa foto”), é estar em cumplicidade com o que quer que torne um tema interessante e digno de fotografar. (SONTAG, 2004, p. 23).

Para Kossoy (2001), toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo motivado a congelar em uma imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época.

Uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida. O espaço urbano, os monumentos arquitetônicos, o vestuário, a pose e as aparências elaboradas dos personagens estão ali congelados na escala habitual do original fotográfico (KOSSOY, 2001, p. 107)



Não importa se o registro fotográfico é sobre a cidade, a vida cotidiana, os costumes ou qualquer que seja o tema: cada avanço tecnológico das câmeras e, conseqüentemente, da fotografia em si, dá margem à construção de novas percepções do mundo e da realidade. “As imagens que nos cercam transformam não só nosso mundo e as nossas identidades, mas têm papel um papel cada vez mais importante na construção da nossa realidade social” (ARAÚJO; DE PAULA, 2010, p. 2) Assim, as inúmeras fotografias produzidas em um mundo cada vez mais portátil e ilustrado passam a contribuir para imagem mental que os indivíduos fazem do local em que vivem

A Fotografia Digital

Para além da câmera fotográfica, diversos dispositivos atualmente são capazes de capturar imagens: celulares, *tablets*, *smartphones*, computadores. Esses equipamentos eletrônicos multifuncionais permitem fotografar, manipular, imprimir e divulgar cenas cotidianas. Os avanços tecnológicos exprimem nos mais recentes celulares, por exemplo, a capacidade de registrar imagens com uma qualidade superior a de câmeras fotográficas simples.

O desenvolvimento da fotografia digital mudou, em pouco tempo, a maneira de relacionamento e de trabalhar com fotografia. Enquanto a fotografia analógica era produto do mundo da manufatura, para Fontcuberta (2012, p. 19) “a fotografia digital, por sua vez, é consequência de uma economia que privilegia a informação como mercadoria, os capitais opacos e as transações informáticas invisíveis”. Assim como a fotografia analógica estava em consonância com mudanças presentes na sociedade do século XIX, a fotografia digital reflete as mudanças na sociedade do fim do século seguinte, em que aumenta o fluxo informacional e cresce a convergência entre as diversas mídias.

Os valores de registro, verdade, memória, arquivo, identidade, fragmentação etc. que tinham apoiado ideologicamente a fotografia no século XIX foram transferidos para a fotografia digital, cujo horizonte no século XXI se orienta, por sua vez, para o virtual. (FONTCUBERTA, 2012, p. 19).

Com o avanço tecnológico, ocorre o barateamento das câmeras digitais que, aos poucos, passam a ser mais utilizadas do que as câmeras analógicas. O custo menor da fotografia digital, a eliminação de processos dispendiosos para os usuários, como a



compra de filme e revelação de negativos, e a maior praticidade no uso da câmera, foram os elementos que impulsionaram um segundo processo de democratização da produção fotográfica.

As câmeras tornaram-se ainda menores e mais fáceis de manusear e o contínuo desenvolvimento da tecnologia culminou na junção do celular com a câmera fotográfica. A partir daí, os celulares passaram a ter câmeras embutidas que fotografavam e filmavam, algo que, há alguns anos, poderia ser visto como ficção científica. Com o gradativo aperfeiçoamento tecnológico, a qualidade dessas câmeras é aprimorada constantemente, existindo atualmente no mercado celulares com grande resolução de imagem.

Outro ponto importante diz respeito à quantidade de fotos que se pode tirar. Com a fotografia analógica, o número de fotos era restrito às poses do filme na câmera e isto, ainda, à quantidade de filmes que se pudesse comprar e revelar. Já com a fotografia digital, esse número limita-se apenas à capacidade de armazenamento do cartão de memória, que, ainda assim, pode abrigar centenas ou milhares de fotos a mais do que os antigos filmes. Com a fotografia digital essas limitações são eliminadas e existe uma mudança da relação do usuário com o próprio ato de fotografar, visto que não é mais necessário esperar por momentos específicos ou pelo melhor ângulo. A tecnologia evolui de modo que o usuário não precisa se preocupar em fazer ajustes na câmera, deve preocupar-se apenas em registrar os momentos.

Se antigamente era comum oferecer fotografias de momentos marcantes para pessoas queridas, como o nascimento de um filho, aniversários, casamentos e até velórios, atualmente essas passagens são compartilhadas em rede.

A fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de certo momento e situação, de certa luz, de determinado tema, absolutamente congelado contra a marcha do tempo. (KOSSOY, 2002, p.42)

Com o processo consolidado de migração do meio analógico para o digital materializado, observa-se a proliferação de celulares com câmera. Em 2012, segundo pesquisa realizada pelo IBOPE Inteligência e pela *Worldwide Independent Network of Market Research (WIN)*, em 2011, apenas 9% dos brasileiros possuíam *smartphones*. Em 2012, esse número dobrou para 18%, mostrando um crescimento da penetração



desse tipo de aparelhos entre a população. A pesquisa afirma ainda que a quantidade de tempo dispendida na utilização de dispositivos móveis, no Brasil, supera a de outros países⁴.

Com tamanha facilidade de acesso e manuseio, o ato de fotografar é massificado com a tecnologia digital. Há realmente necessidade de se ter uma câmera fotográfica? Em que medida a câmera de um *smartphone* supre as necessidades de fotógrafos amadores? Mais leves, práticas e conectadas à *Internet*, as câmeras de celular são uma opção de uma sociedade que produz imagens a todo instante.

O grande público agradece à tecnologia digital porque é muito mais prática, mais rápida, mais potente, mais barata, mais limpa. Portanto, não é de se estranhar que tenha colonizado com apressada voracidade tanto as mídias quanto o cotidiano” (FONTCUBERTA, 2012, p. 62)

Para fotografar basta haver o interesse e a fotografia está no cotidiano dos indivíduos do século XXI com uma força maior do que em qualquer outra época anterior, uma vez que se tornou acessível a um número infinitamente maior de pessoas. O processo que conduziu a tecnologia das câmeras fotográficas a este ponto, entretanto, traz um questionamento sobre o caráter efêmero das tecnologias e seus efeitos sobre as relações dos indivíduos e as mudanças de hábitos.

Quais são as razões desse selvagem darwinismo tecnológico no ecossistema da comunicação visual? Não se tratava só da instantaneidade, mas também de outros fatores, tais como custos mais reduzidos, formatos menores, menos peso, imagens mais fáceis de transmitir e compartilhar. Evidentemente esses fatores técnicos tiveram grande importância na mudança de hábitos dos consumidores, mas não explicam por si só as transformações substanciais que se deram na nossa relação com a fotografia. (FONTCUBERTA, 2012, p. 29)

A câmera da Kodak de 1889 sintetizou, em seu tempo, a mudança da relação do homem com a fotografia, já que inovou ao ser necessário somente apertar um botão para que a câmera fizesse todo o trabalho. No caso atual, aperta-se o botão do *smartphone* e se tem inúmeros aplicativos à disposição, com as mais variadas funções e com a liberdade para criar sobre a imagem crua. As pessoas não querem mais somente eternizar o passado, querem também decidir sobre como as imagens serão construídas,

⁴ Penetração de *smartphones* duplica em um ano. Disponível em < <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/penetracao-de-smartphone-duplica-em-um-ano.aspx>>. Acessado em 7 de fevereiro de 2014.



editadas, apresentadas.

A rigor, pode-se fotografar sem conhecer as leis de distribuição da luz no espaço, nem as propriedades fotoquímicas das películas, nem as regras de perspectiva monocular que permitem transformar o mundo tridimensional em imagem bidimensional. As câmeras modernas estão automatizadas a ponto de até mesmo a fotometragem da luz e determinação do ponto de foco serem realizadas pelo aparelho. (MACHADO, 2007, p. 45)

Na era analógica, o ato de fotografar era quase que exclusivamente reservado aos adultos, utilizada a câmera em momentos específicos e escolhidos com cuidado. Com a fotografia digital essa relação muda. Tudo é fotografável e pode ser compartilhado em diversos sites na *Internet*, permitindo interação entre diferentes usuários que consomem a produção frenética de imagens e, outros momentos, também lançam na rede seus próprios registros.

Hoje existimos graças às imagens: *imago, ergo sum*. A adaptação desse corolário à nossa condição de *homo pictor* deriva em “fotografo, logo existo”, porque não cabe dúvida de que a câmera se transformou um artefato fundamental que nos incita a nos aventurarmos no mundo e percorrê-lo tanto visual quanto intelectualmente: percebamos ou não, a fotografia também é uma forma de filosofia. Talvez por esse motivo devamos afinar o alcance dessa proposta recortando pelo menos duas versões: no modo perifrástico exortativo, “fotografo, logo faço existir” (porque a câmera de fato certifica a existência), e na forma passiva, “sou fotografado, logo existo”. (FONTCUBERTA, 2012, p.19)

As pessoas estariam desenvolvendo alguma compulsão por fotografar a si e o mundo? De acordo com Sontag (2004), os indivíduos que habitam as sociedades industriais se tornaram dependentes de imagens.

Não seria errado falar de pessoas que tem uma compulsão de fotografar: transformar a experiência em si num modo de ver. Por fim, ter uma experiência se torna idêntico a tirar dela uma foto, e participar de um evento público tende, cada vez mais, a equivaler o olhar para ele, em forma fotográfica. (SONTAG, 2004, p.34 - 35)

As fotografias atuais, mais do que um caráter documental, adquirem a forma de expressão do cotidiano da sociedade. De momentos marcantes e que não se repetem constantemente, as fotos passam a registrar momentos rotineiros como um almoço em família, a tosa de um animal de estimação ou um cinema com os amigos. Ao compartilhar em redes sociais na *Internet*, como *Flickr*, *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, as pessoas tentam mostrar ao mundo o que estão vivenciando.



Contudo, Ródenas (2013), faz uma reflexão acerca do excesso de imagens. Para ele, junto ao contexto de democratização das imagens, caminha, também, a saturação das mesmas por parte dos receptores, bem como, uma possível insensibilização decorrente da exposição excessiva.

O Instagram

O *Instagram* é um aplicativo e rede social lançado, em outubro de 2010, pelos empresários Kevin Systrom e Yosyp Shvab. Inicialmente, a ferramenta era direcionada exclusivamente para *smartphones* e *tablets* que utilizassem o sistema operacional iOS, exclusivo dos aparelhos da *Apple*. Quase um ano após seu lançamento, ainda com uma equipe restrita a seis funcionários, o aplicativo já possuía cerca de dez milhões de usuários⁵.

Em abril de 2012, dois fatos importantes ocorreram ao *Instagram* que possibilitaram incrementar sua expansão: primeiro, o aplicativo passou a ser disponibilizado para aparelhos com sistema operacional *Android* e *Windows Phone*. Popularizando-se, a ferramenta chegou a receber cerca de 2 mil novos cadastros por minuto. Segundo dados do *International Data Corporation* (IDC), no último quadrimestre deste mesmo ano, 70% de todos os aparelhos vendidos no mundo tinham como sistema operacional o *Android*, seguido de aparelhos com *iOS*, que registraram 20% do mercado nesse período⁶.

Uma nova funcionalidade foi adicionada ao *Instagram* em junho de 2013: o compartilhamento de vídeos de até 15 segundos. Estes estão submetidos à mesma lógica das fotografias: há 13 filtros para a edição e um recurso denominado “cinema” que estabiliza as imagens caso estejam tremidas. Como os vídeos também permitem a captura de quadros separadamente, é possível fazer fotografias a partir das imagens em movimento e ampliar a escala fotográfica da rede.

⁵ Instagram and Tumblr grapple with growing pains. Disponível em: <http://money.cnn.com/2011/05/25/technology/techcrunch_instagram_tumblr/?section=money_latest>. Acessado em 4 de fevereiro de 2014.

⁶ Smartphones: 91% das vendas em 2012 foram Android ou iOS. Disponível em <<http://pplware.sapo.pt/apple/smartphones-91-das-vendas-em-2012-foram-android-ou-ios/>>. Acessado em 4 de fevereiro de 2014.



Segundo Lemos (2002), a cibercultura advém da ligação da cultura contemporânea às tecnologias digitais, formando novos modos de vida permeados pela Comunicação instantânea. Dessa maneira, as ações dos usuários têm como características, sobretudo, a espontaneidade e o imediatismo. Fotos de eventos, de pratos em restaurantes, de estudo, de “looks do dia”. No caso do *Instagram* os usuários querem ver e ser vistos.

O *Instagram* está na moda expondo consigo o ponto de vista da intimidade, das relações de consumo, das experiências do sujeito. Tal exposição pressupõe uma espera ou convicção na promessa de ser visto, não ser esquecido. Algo muito parecido quando pensamos em uma dimensão biográfica para as narrativas contemporâneas (SILVA, 2012 p. 6).

É necessário enfatizar que as relações estabelecidas em rede não estão em um mundo paralelo. O virtual configura-se como mais um espaço para que o mundo do consumo se afirme e seja demonstrado através das imagens que exaltam bens materiais, paisagens e boa condição física. Afinal, em um contexto de fetichização no mundo descartável da tecnologia onde o modismo se constitui, em algo cada vez mais efêmero, é possível considerar o aspecto não ser esquecido? Isso, sem considerar que os milhões de arquivos postados diariamente, quem se lembrará dos que foram postados há uma semana?

Fotografia e Redes Sociais

Na Internet, as mídias sociais são o espaço no qual se dá a interação e a comunicação entre os indivíduos. Mais do que meios de comunicação, as mídias sociais são ambientes utilizados para a troca de conteúdo, compartilhamento de informações, interação e discussão. Segundo Recuero (2008) mídias sociais são ferramentas de comunicação que permitem a nascimento das redes sociais porque possuem a lógica da participação, do fluxo de informações e possuem funcionamento diferente das mídias tradicionais.

De forma diferente, porém, pode ser definida rede social:

Rede social é gente, é interação, é troca social. É um grupo de pessoas, compreendido através de uma metáfora de estrutura, a estrutura de rede. Os nós da rede representam cada indivíduo e suas conexões, os laços sociais que compõem os grupos. Esses



laços são ampliados, complexificados e modificados a cada nova pessoa que conhecemos e interagimos. (RECUERO, 2009, p. 29)

Dessa maneira, mídia e rede social são conceitos diferentes, mas que estão profundamente relacionados. As redes sociais estão compreendidas dentro das mídias sociais e uma rede pode ser também uma mídia. No caso do *Instagram*, é perceptível seu caráter de mídia social, sendo utilizado como ambiente de difusão de ideias e perspectivas através das fluxos de imagens publicadas pelos usuários. É notável também suas características de rede social, definindo-se como “um jeito divertido e único de compartilhar a vida com os amigos através de uma série de imagens”⁷ (tradução livre da autora)

Com o aprimoramento das tecnologias de informação, as relações comunicacionais vêm se modificando por novas possibilidades de interação e de participação mais ativa dos usuários. De acordo com Castells (1999, p. 68), o processo de transformação tecnológica “expande-se exponencialmente em razão de sua capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos mediante uma linguagem digital comum na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida”.

Para Recuero (2006), as redes sociais são compostas por dois elementos: (a) o primeiro são os atores: pessoas, instituições ou grupos que formam os nós da rede; e o (b) segundo são as conexões, relações que são estabelecidas pelos indivíduos entre si. Para a autora, a análise das redes sociais compreende estudar os “agrupamentos sociais estabelecidos através da interação mediada pelo computador” (RECUERO, 2006, p.25).

Aqui, a análise do *Instagram* atravessa essas duas dimensões. Os usuários cadastrados e ativos no aplicativo são responsáveis por, individualmente, produzir o conteúdo que sustenta o *Instagram* enquanto mídia social. A consolidação do programa enquanto rede social, em um segundo momento, dar-se-á pelas relações estabelecidas pelos usuários e intrínsecas ao funcionamento satisfatório da rede. As imagens ali compartilhadas adquirem seu valor a partir das conexões criadas dentro do coletivo.

⁷ *Instagram is a fun and quirky way to share your life with friends through a series of pictures.* Disponível em <<http://instagram.com/about/faq/>>. Acesso em 4 de fevereiro de 2014.



Considerações Finais

O desenvolvimento tecnológico proporcionou mudanças nas câmeras fotográficas tornando-as cada vez mais compactas e acessíveis à população, tanto em relação a uma questão econômica, pois tornam-se mais baratas, quanto por uma questão de manuseio, pois tornaram-se mais fáceis de serem utilizadas.

Através das diversas transformações tecnológicas ao longo da história da fotografia verificou-se a mudança da relação do fotógrafo com a produção da imagem, tudo pode e deve ser fotografado e, também, o avanço de características como a instantaneidade da fotografia e o compartilhamento da imagem. No ato do clique já se vê a fotografia produzida e pode-se compartilhar a imagem em redes sociais, alcançando um número maior de pessoas em relação a época em que era necessário revelar as fotografias e colocá-las em álbuns para mostrar aos familiares e amigos.

Assim, as redes sociais, enquanto espaços em que predominam características como a interação e a participação, sendo a relação entre os usuários construída horizontalmente, contribuem para o avanço dessas características da fotografia que não são novas, uma vez que existem desde a primeira popularização de câmeras fotográficas através da Kodak, mas que sempre são reinventadas e adaptadas de acordo com o contexto histórico e tecnológico em que se encontra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- FONTCUBERTA, Joan. **A câmera de pandora: a fotografi@ depois da fotografia**. São Paulo, Ed G. Gilli, 2012.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2.ed., rev. São Paulo, SP: Ateliê, 2001.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e memória: reconstituição por meio da Fotografia**. In: SAMAIN, Etienne (org.). **O fotográfico**. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac, 2002.
- LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.



LEMOS, André. LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia.** São Paulo, Paulus, 2010.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

RECUERO, Raquel. **O que é mídia social.** Disponível em: <
http://www.raquelrecuero.com/arquivos/o_que_e_midia_social.html>. Acessado em: 04 de fev. de 2014.

RECUERO, Raquel. Rede Social. In: **Para entender a Internet (versão beta):** noções, práticas e desafios da comunicação em rede. Disponível em:
<<http://paraentenderinternet.blogspot.com/2009/01/rede-social-raquel-recuero.html>>. Acessado em: 29 jan. 2014.

RÓDENAS, Gabri. **Capturar es compartir. Filosofía, redes sociales y fotografía 2.0.** Enrahonar: Quaderns de filosofia, Nº 50, pp. 59-72. Disponível em: <
<http://www.raco.cat/index.php/Enrahonar/article/viewFile/266928/354543>>. Acessado em: 07 fev. 2014.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea.** São Paulo, SP: Senac São Paulo, 2009.

SILVA, Polyana Inácio Rezende. **Dinâmicas Comunicacionais Na Representação Da Vida Cotidiana. Instagram: um modo de narrar sobre si, fotografar ou de olhar para se ver.** 1 Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação Multimídia do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1626-2.pdf>>
Acessado em: 29 de jan. de 2014.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUGEZ, Marie Loup. **História da fotografia.** Lisboa: Dinalivro, 2001.